



"Cinema Guajarino"

Pedro Veriano

O Cinema Guajarino, da ilha do Mosqueiro, viveu perto de 70 anos. Quando nasceu, num dia de 1913, o acesso à ilha era só por navio e, às praias distantes, por um trem, que a população chamava ora de "Pata Choca" ora de "Maria Fumaça".

Paulo Monteiro, funcionário da Caixa Econômica Federal em Belém, já falecido, contava que tinha sido o terceiro proprietário do cinema. "Aquilo vem de 1912 ou 13. Tem na frente o ano da construção. Leia lá. O primeiro dono foi o Sr. Pires Teixeira, que exibia os filmes da firma "Teixeira & Martins", proprietária do Olímpia de Belém. Depois foi o Bianor Carneiro. Eu fui o terceiro homem na história. Naquele tempo a gente alugava o filme ao preço de 350 mil réis e a casa por 40 mil réis. E tinha público, o pessoal chegava no vapor "Almirante Alexandrino", que tirava duas horas de Belém à ponte da vila, desde que a favor da maré. No Mosqueiro, um trem pequeno, que eu chamava de "Maria Fumaça", fazia o transporte para as praias. Ele fazia um barulhão danado e ia cheio de melindrosas e almofadinhas, num passeio em que a esportiva começava por uma fagulha da locomotiva, estragando a roupa".

O "Guajarino" passou muitos anos exibindo filmes mudos para uma comunidade restrita à vila. Não contava com os veranistas em seu balanço comercial. Verancio era uma palavra pouco pronunciada. As residências luxuosas de hoje não existiam. O caminho para algumas praias, como o Farol, era desbravado por pioneiros, como Zacharias Martyres, construtor do ainda hoje de pé "Hotel do Farol". E o Chapéu Virado ainda sentia a presença do velho Tavares, que por ali edificaria o hotel, mais tarde do genro Antônio Ferreira, apelidado de Russo.

Quem queria tranquilidade tomava o rumo da ilha. Os dias pareciam iguais na monorra interiorana. O cinema da vila era uma diversão de metrópole muito procurada, e por lá chegaram clássicos mudos como o primeiro "Quo Vadis". Mas as sessões que marcaram a história do cineminha - pequeno depois da ampliação, feita por Monteiro - foram com "A Vida de Cristo", sempre na Semana Santa, "O Judeu Errante", "... E O Vento Levou" e "Os Dez Mandamentos". As "fitas" viravam assuntos nos papos molhados dos comerciantes e pescadores. Era uma forma de orgulho mostrar aos mosqueirenses o que se via em Belém.



O Guajarino tinha bancos corridos, ventiladores na parede, diminuta sala de espera e um projetor de 35mm que comportava um "cavalo de pau", ou seja, três partes-duplas de um filme, dando apenas um intervalo por sessão para mudar os carretéis. Tudo muito simples, mas não se pedia mais. Nos anos 70, a festa acabou. Os estertores foram com um projetor modesto de 16mm passando faroeste italiano. Já tinha "espinha de peixe" (antena de tv) nas casas. A novela das oito já era forte concorrente. A ponte chegava, e o público fugia para outros cantos.

No lugar do cinema, hoje, está um mercadinho. Tentativas de cinema no Chapéu Virado ficaram restritas ao 16mm nas férias de julho dos anos 50. Funcionavam ora no salão do hotel do Russo, ora num mercado vizinho, que virou escola e depois voltou a ser mercado. Tinha o pitoresco da platéia sentar em carteiras escolares. Mas foi tudo muito breve e hoje poucos sentem saudades. O Mosqueiro dos trios elétricos é outra coisa.